

**Yvisson Gomes dos Santos**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[zeugma\\_mcz@hotmail.com](mailto:zeugma_mcz@hotmail.com)

**Marinaide Lima de Queiroz Freitas**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[naide12@hotmail.com](mailto:naide12@hotmail.com)

**Walter Matias Lima**



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

[waltermatias@gmail.com](mailto:waltermatias@gmail.com)

## **DISCUTINDO O VIRTUAL EM PIERRE LÉVY: UMA EXPERIÊNCIA NO SKYPE COM ALUNOS DE EJA1 DO ENSINO MÉDIO DE MACEIÓ/AL**

### **RESUMO**

O presente artigo teve como finalidade promover uma prática didático-pedagógica-on-line a alunos de uma escola de Educação Básica em EJA1 (Maceió/AL/Brasil). Procurou-se estabelecer a relação de pragma (prática) com um software, o Skype, a alunos do 4º período noturno, fazendo-os relacionar a Filosofia de Pierre Lévy (1996) com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICS: em ato/ação no ensino e aprendizagem. Fez-se uma aula on-line e outra presencial, na qual se discutiu fragmentos da obra do filósofo francês Lévy. Em um dia estabelecido, 10 (alunos) se encontraram com o docente de Filosofia na rede social Skype para discussão do texto filosófico, e outro presencial para avaliação. A interação e a dialética estabelecida nesses dois encontros da disciplina de Filosofia fez com que os discentes assimilassem o conteúdo filosófico de forma exitosa.

**Palavras-chave:** EJA1. Filosofia. Cibercultura. Ensino-aprendizagem.

### **DISCUSSING VIRTUAL IN PIERRE LÉVY: A SKYPE EXPERIENCE WITH EJA1 STUDENTS IN MACEIÓ/AL**

### **ABSTRACT**

The present article aimed to promote an online didactic-pedagogical practice to students of an Elementary School in EJA1 (Maceió/AL/Brazil). We attempted to establish the relationship of pragma (practice) with a software, Skype, to students of the 4th night period, making them relate Pierre Lévy Philosophy (1996) with Information and Communication Technologies (TICS) in act/action in teaching and learning. There was an online class and a classroom lecture, in which fragments of the French philosopher Lévy were discussed. On an established day, 10 (students) met with the Philosophy teacher on the social network Skype for discussion of the philosophical text, and another face-to-face for evaluation. The interaction and the dialectic established in these two meetings of Philosophy discipline led the students to successfully assimilate the philosophical content.

**Keywords:** EJA1. Philosophy. Cyberculture. Teaching-learning.

**Submetido em:** 13/05/2019

**Aceito em:** 03/08/2019

**Publicado em:** 23/12/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n25p240-253>



## I INTRODUÇÃO

Neste presente artigo fez-se uma discussão sobre o *Atual e o Virtual* de Pierre Lévy (1996), utilizando-se de uma prática pedagógica amparada no universo da cibercultura. O público alvo foram 10 (dez) alunos da Educação Básica do Ensino Médio, na modalidade EJA, do 4º período noturno. Teve-se como objetivo dar uma conceituação, em forma de apontamentos, sobre a cibercultura através do eixo temático a respeito do *atual e virtual* discentes do Centro Educacional de Jovens e Adultos Paulo Freire – CEJA, em Maceió/AL/Brasil.

Como professor da disciplina de Filosofia desta escola, promovemos um encontro entre alunos do 4ª período noturno, de forma *on-line* – uma atividade extramuros ao território físico escolar – através da ferramenta *Skype* e de uma avaliação presencial pós-*Skype*.

Observamos que o *software* utilizado possibilitou um contato discursivo tanto filosófico, quando tecnológico, entre os sujeitos da Educação: promovendo desta feita, uma educação cidadã e emancipatória aos membros da escola da EJA.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) é uma modalidade existente na atual LDB 9394/96 que, apesar de ataques contínuos a tal modalidade de ensino<sup>1</sup>, permanece presente nos documentos oficiais do MEC<sup>2</sup>, a exemplo, e como enunciado, nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Deve-se citá-la:

Seção V

Da Educação de Jovens e Adultos.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. ([Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018](#))

<sup>1</sup>FARIA, W. F. **Educação de jovens e adultos**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.

<sup>2</sup>Dispõe, estabelecer, reformular e reexaminar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB nº 11/2000; Resolução CNE/CEB nº 1; Parecer CNE/CEB nº 36/2004; Parecer CNE/CEB nº 29/2004); • Incluir a EJA como alternativa para a oferta da Educação Profissional Técnica de nível médio de forma integrada com o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB nº 20/2005); • Atualizar as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para o Ensino Médio e para a Educação Profissional técnica de nível médio (Resolução CNE/CEB nº 4); • Instituir e reexaminar Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos - EJA em relação à duração dos cursos e idade mínima para o ingresso na EJA; a EJA desenvolvida por meio da educação a distância; idade mínima e certificação nos exames de EJA (Parecer CNE/CEB nº 23/2008; Parecer CNE/CEB nº 6/2010; Resolução CNE/CEB nº 3); • Também há a Resolução/CD/FNDE nº 51, de 15 de dezembro de 2008, que estabelece critérios voltados, principalmente, para a apresentação, seleção e apoio financeiro a projetos que visem a produção de materiais pedagógicos, de caráter formativo e apoio didático para a EJA e a formação de professores, coordenadores e gestores da EJA.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. [\(Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008\)](#)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996, seção V).

Visualmente percebemos que a EJAI cumpre a função de ser um instrumento da educação a alunos que estão em idade escolar irregular, promovendo tanto o ensino fundamental II, quanto o Ensino Médio, habilitando-os ao mundo do trabalho. Seus exames podem ser bimestrais como em ciclos, acrescenta-se.

A filosofia do EJAI tem múltiplas facetas: nasceu da necessidade de educar alunos em condições irregulares de idade, objetivando a vivência da realidade social e cultural dos mesmos. Os conteúdos são inerentes ao ensino paulofreiriano nas suas *Pedagogias* – livros que sinalizam construtos contra uma educação capitalista e latifundiária. O já decantado *Método de Paulo Freire* nasceu em 1963, aqui no Brasil, tendo como alvo a alfabetização de alunos em um período de 40 horas na região de Angicos, no Rio Grande do Norte. O educador Freire conseguiu alfabetizar em torno de 300 pessoas nesse espaço de tempo. Assim diz Paulo Freire, em sua *Pedagogia da Autonomia*<sup>3</sup>:

Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos [...] É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar (1997, p. 15).

A luta do recifense foi de eliminar as desigualdades sócias na Educação, não deixando o fator histórico aquém dessa práxis e de sua eticidade. Saber que a possibilidade de educar o sujeito poderá exigir a autonomia de “educar para a vida” (FREIRE, 1997, p. 68).

Desta sorte, pode-se afirmar que o público do EJAI tem algumas especificidades pedagógicas e territoriais. Quando se fala em pedagógica refere-se ao universo de alunos que estão fora da faixa etária considerada “regular”, bem como são trabalhadores e, um pouco a mais:

---

<sup>3</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

O público atendido pela EJA é de pessoas que na idade regular não puderam estudar, ou por não sentirem-se atraídos pelo conteúdo escolar acabaram deixando a escola. Isto acaba gerando uma exclusão dos indivíduos analfabetos dentro da sociedade e da própria escola. Muitos são os problemas que dificultam o ingresso de pessoas no ensino na idade regular, alguns destes problemas são: gravidez precoce, drogas, desinteresse, condições financeiras. (PEDROSO, 2010, p. 15).

Dentro desse universo, se pode aferir que o território escolar da EJA é um *lócus* que comporta uma multiplicidade de Jovens, Adultos e Idosos com problemáticas diversas nas quais se necessitam de uma atenção especial dos profissionais da Educação, e, também, da Gestão Escolar sobre os fatos supracitados acima na escrita de Pedroso (2010).

Neste sentido, de necessidade, carência e falta de recursos metodológicos, as tecnologias da Informação e Comunicação poderão adensar uma prática pedagógica atualizada frente às redes sociais, os *chats*, os telefones de celulares, *internet*, dentre outros, que a maioria dos alunos, na escola pesquisada, dispõe. Eles dispõem por serem trabalhadores e por existir um acesso “facilitado” às tecnologias digitais ao dispor dos mesmos.

Esse acesso ao tecnológico advém da Geração Y do século passado. Deste feita, o que vem a ser essa geração e como as criações *on-lines* se apresentam aos da EJA?

Sabe-se que a geração Y (FLINK; FERREIRA, et al., 2012), aquela que se utiliza dos meios de comunicação e informação *on-lines* de forma contínua, tanto em *tablets*, quanto em *smartphones*, ou computadores e seus *softwares*, essa geração Y possui a capacidade de interação virtual que se traduz na manutenção dos ciclos *on-lines*, dos *chats*, dos meios síncronos e assíncronos etc. Partindo desse pressuposto e avanço considerável nos meios digitais, pensamos sobre a importância de Pierre Lévy e sua teoria da cibercultura, especialmente do “atual e o virtual”.

De acordo com nosso filósofo, há diferenças entre o real e o virtual. Assume-se uma ideia de realidade e virtualidade antepostas, isso é um engano. Trata-se de pensar o “atual e o virtual” – nessa perspectiva: “o real seria de ordem do ‘tenho’, enquanto que o virtual seria da ordem do ‘terás’, ou da ilusão” (LÉVY, 1996, p 04). E o atual ou a atualização seria “a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades” (*ibid.*, p. 05).

Com esse trajeto, entendemos que o real e o atual, em frente ao virtual, são elementos complementares, pois no real está contido o atual, mas o atual responde ao virtual, feito ato e potência como pensava o francês. A questão que se mostra é a “virtualidade que se adere à atualização” (LÉVY, 1996, p. 16). Lê-se:

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p.16).

Com essa questão, ou acontecimento da atualização, podemos dizer que não podemos dicotomizar realidade e atualidade, mas apenas pontuar que o correto, ou o que se usa como quer o autor francês, é nada mais que dizer que o real é o atual, a existência de um espaço imaginário (virtual) e outro real não se encontram na tese de Lévy, mas: “o virtual ganha, assim, a condição de algo que fornece as tensões para o processo criativo que envolve a atualização. Não seria algo previsível e estático, como a passagem do possível para o real” (PIMENTA, 2001, p. 85).

A perspectiva de Lévy, como filósofo, é dar uma dinamicidade ao binômio real e virtual e atualizá-lo. Essa atualização diz que toda e qualquer virtualidade está inserida ou interrelacionada com o “virtual e o atual”. Em outras palavras: “a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta o grau de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante” (LÉVY, 1996, p. 05).

Partindo desses pressupostos elencados acima, poderemos concluir ser a interação comunicativa *on-line* um desdobramento de relações entre o atual e o virtual na constância em que se utiliza ideia de uma desterritorialização daquilo que se pensava ser território, a saber: o real. No desmembramento do virtual, lugar fluídico, mas não menos tangível, nosso filósofo francês elabora com firmeza que os territórios do virtual, geograficamente, são contingenciais, tal como o atual inserido na metáfora do real em ato e potência, por exemplo.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa através de uma prática didático-pedagógica desdobrou-se na utilização da ferramenta *on-line* chamada de *Skype*. O *Skype*, nascido da tecnologia comunicacional em vídeo e áudio, tem como função precípua estabelecer o que se chama de relação de contato ou de encontro com pares ou grupos. A aula que se apresentou em EAD para o EJAII necessitou desta ferramenta para propor um diálogo entre alunos e professor sobre a filosofia da cibercultura de Pierre Lévy.

Tal Filósofo, nascido na França e radicado no Canadá, propõe, a nosso ver, que as ferramentas de tecnologias *on-lines* são necessárias na universalização do conhecimento e transmissão do mesmo.

Nesse ínterim, propomos uma reunião no espaço virtual do *Skype* com os alunos do 4º período noturno do EJAII, visando nos horários das 19h às 20h uma discussão organizada pelo docente da disciplina de Filosofia sobre o tema do “atual e o virtual” pela ótica Pierre-leviana.

Os procedimentos metodológicos iniciam com um texto base do autor de “O que é Virtual?” (1996) que foi entregue uma semana antes desta aula *on-line*. O texto apresenta-se em 03 paginações, somente. É necessário pontuar, por estarmos em EJAII e no período noturno, que essas 03 páginas da obra de Lévy foram pensadas cuidadosamente para se dar sentido ao tema da virtualidade, porém com o verniz

introdutório efetivando uma compreensão sobre a cibercultura e sua importância na realidade dos discentes e docente através do *Skype* para tal intento educativo.

Os passos foram os seguintes: leitura do texto organizado pelo professor da disciplina através de citações da obra “O que é o Virtual?”, de Lévy. Antecipadamente com uma semana de leitura para o dia da aula *on-line*. Em seguida, fizemos a conexão no dia e hora marcados, dando uma tolerância de 10 minutos para o início da aula.

A turma compõe-se de 10 alunos devidamente matriculados na Escola Pública de Alagoas, o CEJA, e por ordem alfabética abrimos a discussão para que todos tivessem 2 minutos de comentários sobre o “atual e o virtual” de Lévy, bem como que se detivessem, aprioristicamente, no texto estudado.

Passados os minutos de cada aluno, mas antes sem se esquecer da apresentação do professor de Filosofia sobre o papel e função do encontro *on-line*, abrimos um diálogo sobre o tema de forma grupal. Não se deve esquecer que todos possuíam câmera digital, fones de ouvidos com microfone e *webcam*.

Como sinalização avaliativa do docente, pediu-se um resumo sobre a experiência em sala de aula virtual, e também sobre o assunto temático escolhido. Tal avaliação foi entregue por escrito na aula presencial do dia 15/02/2019 (uma sexta-feira), sendo a aula *on-line* no dia 08/02/2019 (também em uma sexta-feira).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Centro Educacional de Jovens e Adultos Paulo Freire – CEJA faz parte da 1ª GERE, braço da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC). Localiza-se na Rua do Sol, s/n - Centro, Maceió - AL, 57020-070, Brasil.

Imagem 1 - CEJA



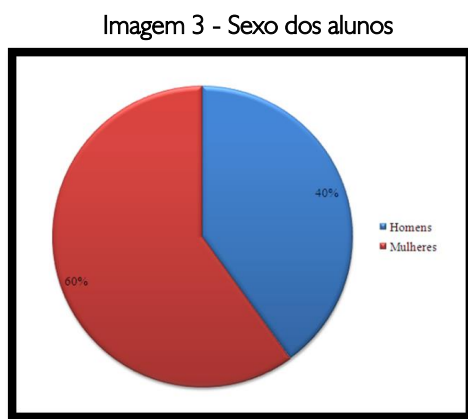
Fonte: SEDUC/AL

É um Centro Educacional dedicado exclusivamente a EJAI nos três turnos, com 1.065 alunos e, agora, com uma sala de áudio e vídeo (desde março de 2019), bem como biblioteca atualizada. Nota-se que ela se encontra em Maceió, como segue o mapa abaixo:



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>

Colocados os dados acima, os 10 alunos que participaram da atividade *on-line* via *Skype*, em suas residências, têm o seguinte perfil:



Fonte: Autor (2019)

Dos 10 alunos, 6 (seis) eram mulheres e 4 (quatro) eram homens. Todos trabalhavam pelo dia e estudavam a noite na escola. As idades eram díspares de 20 a 45 anos. Todos tinham acesso ao computador, câmera e fones de ouvido, bem como *internet* em suas residências (eram trabalhadores!). Essa aula sobre o filósofo Pierre Lévy fez parte de uma experiência exitosa de relacionar aula presencial com uma aula *on-line* – focalizando as necessidades iminentes de uma educação contemporânea –, e propondo uma interação/ação entre os discentes e docente da disciplina de Filosofia.

O material foi passado antecipadamente (está no anexo deste artigo), havendo uma discussão preliminar sobre ele antes do dia da aula virtual, que foi numa sexta-feira, 15/02/2019.

Todos se reuniram pelo Skype: [yvissongomes@hotmail.com](mailto:yvissongomes@hotmail.com). O docente da disciplina adicionou os alunos no sítio virtual e iniciou a discussão com cada um deles. 2 minutos para pontuar o resumo do texto de Pierre Levy e comentários (a cada discente).

Os 10 alunos participaram efetivamente dessa atividade, colocando suas questões e acrescentando outras<sup>4</sup>. O que surpreendeu o docente da disciplina foi a pontualidade e o bom acesso a essa rede digital, o Skype. Deve-se repetir que quando essa atividade foi executada não havia ainda uma sala de áudio e vídeo na escola pesquisada.

Após esse encontro *on-line* houve um presencial para dialogarmos sobre a experiência da aula virtual. Os pontos positivos foram sobrepujados aos negativos (nos quais estes últimos não foram enunciados pelos alunos), a saber: melhor dinamicidade na interação aluno-professor e professor-aluno; estímulo na aprendizagem; percepção apurada dos discentes sobre o texto Pierre leviano; discussão *pós-Skype*, agora no espaço físico da sala de aula, obtendo na avaliação presencial o conceito A aos alunos envolvidos, e a promessa de um futuro retorno a essa técnica pedagógica *on-line*.

Pensa-se com Lévy que:

Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos (1996, p. 78).

A implicação de uma exclusão pré-concebida de alunos da modalidade EJA I faz-se, algumas vezes, perceber que a ausência de tecnologias digitais, e dos desmembramentos dos conhecimentos nascidos daquelas, coloca-os à margem do conhecimento atualizado e contemporâneo do século 21.

Essa marginalidade territorial dentro da alçada pedagógica equivale a dizer que poderá haver hostilidade, humilhação e exclusão dos alunos da EJA I frente ao que se apresenta através da ausência das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), juntamente com o desinteresse de docentes em articula-las nas suas práticas pedagógicas. Fala-se das TICs.

Julia Blank (2015, p. 08) diz, como ponto positivo do uso das redes sociais na escola e fora dela, que:

Pode ser criado um espaço virtual com os mesmos membros presentes na sala de aula. Um grupo facilita o compartilhamento e acesso rápido a materiais de apoio que possam auxiliar no processo de aprendizagem seja de forma direta, indireta ou complementar. O grande tempo dispensado pelos alunos na rede social é um convite a vasculhar todos os cantos do site, se o ambiente escolar estiver ali presente será mais fácil o estudante verificar as atualizações postadas pelo professor e pelos colegas, tornando o ambiente virtual uma mescla da educação com o tempo livre.

---

<sup>4</sup> Por motivos de sigilo, as fotos (*prints*) desse encontro não puderam ser colocadas nesse artigo, nem os nomes dos discentes.



Essa mescla do virtual com o “tempo livre” ratifica que alunos podem interagir, participar, pesquisar e ampliar seus conhecimentos filosóficos, por exemplo: atualizar-se dentro da escola com seus grupos relacionais e de estudo, da mesma forma com um indicativo das atividades *on-lines* focalizando a missiva de que a Educação deve ser para todos, indistintamente.

Filosofar, na Educação, requer que os discentes tomem conhecimento do mundo e das questões, tanto necessárias, quanto contingenciais do meio social em que eles vivem. Tratar sobre a Ética, o Amor, a Liberdade, a Política, dentre outros, são conceitos que o ato filosófico tenta problematizar com a dialética<sup>5</sup>. Pensar a dialética com a *virtualidade* endereça-se a também compreender que essa última palavra/conceito pode ser definida como um:

[...] movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro da gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer multar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular (LÉVY, 1996, p. 06).

Essa temática da virtualização poderá ser “artefato dialético” nas aulas de Filosofia. Saber que alunos da EJA – trabalhadores, donas de casa, pais etc – podem ter possibilidades de aprendizado adequado, faz-nos (e fez-nos) aferir que:

[...] Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, artigo 205).

Ora, pensar o trabalho como destino da Educação é um princípio pétreo e constitucional. E os meios que se efetivam essa Educação, como dever, passam pelas disposições educacionais e curriculares em alavancar a teoria, colocando-a na prática do ser (*pragma*). Na EJA, o ideário paulofreiriano do ser não pode ser maculado, pois segundo o recifense:

Em minha visão “SER” no mundo significa transformar e re-transformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como ser humano, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança (FREIRE, 2001, p. 37).

A esperança educativa nasce da transformação do sujeito da Educação, e em especial o da EJA, tendo a leitura de mundo como estrutura principal para se filosofar sobre esse mundo, a saber: as

---

<sup>5</sup> O Método Dialético, frequentemente referido apenas como Dialética, é uma forma de discurso entre duas ou mais pessoas que possuem diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto, mas que pretendem estabelecer a verdade através de argumentos fundamentados e não simplesmente vencer um debate ou persuadir o opositor. Embora o ato em si seja fundamental na formação da filosofia (MACIEL, [s.d], p. 01, *on-line*).

experiências de vida, o senso comum – de onde se nasce o senso crítico –, e o *ethos* que significa o uso e costumes de onde surgem a Ética ou a eticidade.

Essa ação faz com que o aluno se torne emancipado<sup>6</sup> e crítico frente às questões, não somente de avaliações (provas, ENEM, ENCCEJA etc), mas como sujeitos que: “constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 1996, p. 46).

## 5 CONCLUSÃO

Conclui-se que a perspectiva elaborada pelo professor da disciplina em Filosofia para alunos da EJA veio a promover uma ação emancipatória e cidadã aos discentes pesquisados. Saber/fazer Filosofia não é somente se debruçar em leituras douradas e conteudísticas, mas avançar a perspectivas maiores dentro do espaço escolar quer seja físico, quer seja virtualizado, como foi feito.

Lembrando sempre que, na modalidade EJA, amparada pela LDB 9394/96, há alunos trabalhadores. Contudo não se deixou de perceber que o desenvolvimento didático-pedagógico do professor alargou sua prática docente na intenção de fazer com que alunos do 4º período noturno da escola pesquisada fossem capazes de se utilizar das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, através do *Skype*, na discussão de Pierre Lévy sobre o *Atual e o virtual*, dando um verniz de possibilidade que esses alunos tiveram, mesmo sendo trabalhadores, de estudar dentro da esfera *on-line*.

Esta esfera muitas vezes é negligenciada aos mesmos por existir uma ideia de que eles têm pressa de se formarem. Pressa sem qualidade educativa, não fortalecerá a dialogicidade e a emancipação dos mesmos em suas excursões pós-Ensino Médio.

Aos alunos de Filosofia do Ensino Médio, se presenciou o estabelecimento do processo dialético como fundante à prática educativa, e o alcance a patamares elevados em fomentar o uso das redes sociais no universo de ensino e aprendizagem desses sujeitos da Educação na escola paulofreiriana.

## REFERÊNCIAS

BLANK, J. C. G. **Uso das redes sociais em sala de aula:** vantagens e problemas da interação on-line. In.: XVII Seminário internacional de Educação do Mercosul. 2015. Disponível em <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20-%20ARTIGOS/USO%20DE%20REDES%20SOCIAIS%20EM%20SALA%20DE%20AULA%20VANTAGENS%20E%20PROBLEMAS%20DA%20INTERACAO%20ONLINE.PDF> Acesso de Maio de 2019.

---

<sup>6</sup> Na área da Filosofia, a emancipação significa a luta (os esforços) de grupos privados de seus direitos mesmo na discussão de questões em conquistar seus direitos políticos ou de igualdade como cidadãos (DICIONÁRIO ON-LINE. **Emancipação.** [s.d]. Disponível em <https://www.significadosbr.com.br/emancipacao>. Acesso em Maio de 2019).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96> Acesso em Maio de 2019.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em Janeiro de 2019.

DICIONÁRIO ON-LINE. **Emancipação**. [s.d]. Disponível em <https://www.significadosbr.com.br/emancipacao> Acesso em Maio de 2019.

FARIA, W. F. **Educação de jovens e adultos**. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.

FLINK, R.; FERREIRA, C. N.; HONORATO, G. M., ARAUJO, J. R.; PROENÇA, T. S. **Porque e como atrair e reter os profissionais da Geração Y nas empresas**. In.: IX Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 2012. Disponível em [http://www.convibra.com.br/upload/paper/2012/34/2012\\_34\\_5195.pdf](http://www.convibra.com.br/upload/paper/2012/34/2012_34_5195.pdf) Acesso em março de 2019.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**/Paulo Freire. 5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LÉVY, P. **O Que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MACIEL, W. **Dialética**. In: Info-Escola: navegando e aprendendo. [s.d]. Disponível em <https://www.infoescola.com/filosofia/dialetica/> Acesso em Maio de 2019.

PEDROSO, S. G. **Dificuldades encontradas no processo de educação de jovens e adultos**. In: I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos, 2010, João Pessoa. Jovens, Adultos e Idosos: os sujeitos da EJA. João Pessoa: EDITORA UNIVERSITÁRIA UFPB, 2010. Disponível em: <http://www.catedraunescoeja.org/GT05/COM/COM019.pdf> . Acesso em março de 2019.

PIMENTA, F. J. P. **O conceito de virtualização em Pierre Lévy e sua aplicação em hipermídia**. Revista Lumila, Facom/UFJF, Vol. 01, nº 01, p. 85-96, Jan-Jun de 2001. Disponível em <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R6-Francisco.pdf> Acesso em março de 2019.

## APÊNDICE

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PAULO FREIRE – CEJA

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSOR: YVISSON GOMES DOS SANTOS

*FRAGMENTOS DO TEXTO DE PIERRE LÉVY*

### **O QUE É VIRTUALIZAÇÃO?**

#### **O ATUAL E O VIRTUAL**

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização. Como veremos mais adiante, essa abordagem possui uma parte de verdade interessante, mas é evidentemente demasiado grosseira para fundar uma teoria geral.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em tempos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas maneiras de ser diferentes.

Aqui, cabe introduzir uma distinção capital entre o possível e o virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Différence et répétition*. O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência. A realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma ideia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica.

Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de formas que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de

resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore [...].

## A ATUALIZAÇÃO

A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual.

Por exemplo, se a execução de um programa informático, puramente lógica, tem a ver com o par possível/real, a interação entre humanos e sistemas informáticos têm a ver com a dialética do virtual e do atual.

A montante, a redação de um programa, por exemplo, trata um problema de modo original. Cada equipe de programadores redefine e resolve diferentemente o problema ao qual é confrontada. A jusante, a atualização do programa em situação de situação, por exemplo, num grupo de trabalho, desqualifica certas competências, faz emergir outros funcionamentos, desencadeia conflitos, desbloqueia situações, instaura uma nova dinâmica de colaboração... O programa contém uma virtualidade de mudança que o grupo – movido ele também por uma configuração dinâmica de tropismos e coerções – atualiza de maneira mais ou menos inventiva.

O real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe.

## A VIRTUALIZAÇÃO

Compreende-se agora a diferença entre a realização (ocorrência de um estado pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um complexo problemático). Mas o que é a virtualização? Não mais o virtual como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. A virtualização pode ser definida como movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro da gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se

relaciona, em fazer multar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.

## REFERÊNCIA

LÉVY, P. *O Que é Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 04-06.